

O inimigo vem de fora: O olhar do Serviço Nacional de Informações sobre o comunismo internacional

DANIEL TREVISAN SAMWAYS*

A documentação produzida pelo Serviço Nacional de Informações (SNI) representa uma infinidade de dossiês sobre milhares de cidadãos, abordando diversos assuntos referentes à segurança nacional e também relatórios produzidos pela Agência Central e pelas seções regionais desse órgão, espalhadas pelo Brasil. Somente o acervo do SNI totaliza 220 mil microfichas, além de jornais, livros e cartazes. 469 livros, 15.269 documentos iconográficos, 774 cartográficos, 241 micrográficos, 178 sonoros, 9 audiovisuais e 6 digitais. A documentação do Serviço Nacional de Informações compõe atualmente o arquivo do Sistema Nacional de Informações e Contra-Informações (SISNI), armazenado no Arquivo Nacional em Brasília. Nesse arquivo encontram-se documentos das Assessorias de Segurança e Informação (ASI) de vários órgãos públicos, do Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica (CISA), Comissão Geral de Investigação (CGI), Conselho de Segurança Nacional (CSN), documentos das Divisões de Segurança e Informação (DSI) dos ministérios civis.¹ Nesta documentação existem desde relatórios sobre os passos de suspeitos de subversão, solicitações de informações vindos de outros setores, além de uma documentação que buscava repassar informações sobre o comunismo, possuindo assim uma característica mais doutrinária.

De certa forma, uma documentação que buscava sustentar a repressão, com dados que servissem a operacionalização da violência através da espionagem e do levantamento de dados, interceptando correspondências, roubando documentos, realizando escutas telefônicas e infiltrando agentes dentro de organizações clandestinas e no partido de oposição consentida, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB). (ANTUNES, 2008: 221) De outro lado, pode-se perceber uma documentação que não estaria diretamente vinculada às ações repressivas, mas a sustentavam em termos discursivos. Inúmeras apostilas para cursos de capacitação de agentes de informação, como os dados inicialmente na Escola Superior de Guerra (ESG) e

* Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

¹ <http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/Media/SNI.pdf>.

posteriormente na Escola Nacional de Informações (EsNI).² Outros textos visavam informar toda comunidade repressiva das ações dos comunistas de forma geral, no Brasil e no mundo. Esses textos não instruíam a forma de agir da espionagem, mas mostravam ações dos comunistas e, de certa forma, os perigos que isso representava para a civilização ocidental.³ Esse conjunto de textos pode ser entendido pelo seu viés ideológico e doutrinário, pois almejava criar certa paranoia em todos seus leitores, pois divulgava que o comunismo estaria muito próximo de atingir seu objetivo de destruir o ocidente. Nesse sentido a violência encontraria grande sustentação nesses textos destinados às comunidades de informações e repressivas. Não podemos medir com exatidão o alcance desses textos, nem tampouco afirmar que eles, ao serem lidos, influenciariam diretamente na ação dos agentes repressivos. Contudo, não podemos esquecer que todos aqueles que ingressaram nas forças de repressão e informação estavam inseridos em uma sociedade que trabalhava intensamente com valores anticomunistas. Filmes, histórias em quadrinhos, heróis e vilões que serviam ao mesmo objetivo de anunciar os males do comunismo ao mundo ocidental e eram, em sua maioria, produzidos e idealizados nos Estados Unidos. Por outro lado, não podemos desconsiderar a influência do discurso católico e das organizações e institutos que se formaram para combater a doutrina comunista.

Neste sentido, não podemos atribuir à leitura de um único material a ação violenta ou ainda acreditar que ela encontra sua legitimação apenas em livros e apostilas produzidos pelos diversos órgãos repressivos e de informações. As apostilas e documentos do SNI com um caráter doutrinário são apenas um exemplo do discurso autoritário e que, em certa medida, influenciou e legitimou a ação dos “operários da violência”, como denominou Martha Huggins (2006). Estes, estavam inseridos em um mundo que acusava, através de diversos meios, os comunistas por vários crimes e associavam a doutrina marxista como aquela que

² No ano de 1992 uma caixa foi deixada no Arquivo Nacional, sem identificação e continha uma serie de apostilas para os cursos de capacitação de agentes tanto do extinto Serviço Federal de Informações e Contra-Inteligência (SFICI) e o posterior Serviço Nacional de Informações (SNI). A essa coleção foi dada o nome de “O informante do Regime Militar” e o código utilizado para identificar esse fundo foi “X-9”, que significa informante, espião. Nesta documentação existem várias apostilas que instruem o ato da espionagem, produzidos por diversos órgãos, além de textos traduzidos que no entender militar eram de grande importância para a espionagem. **Inventário da Coleção Informante do Regime Militar**. Rio de Janeiro: O Arquivo, 2008.

³ Podemos citar como exemplo um panfleto produzido pelo Centro de Informações da Aeronáutica (CISA) em 1971, chamado “Como eles agem” e ainda “O decálogo da segurança” produzido pelo Serviço Nacional de Informações (SNI) em 1969. (MAGALHÃES, 1997)

iria romper com os valores tradicionais. Por certo, essa documentação contribuiu para reforçar a já mencionada paranoia em seus leitores, tornando-se mais uma peça no discurso anticomunista. Este, por certo, não vem ou nasce de uma única e exclusiva fonte, mas antes, é a soma de vários discursos que se fundem, sendo realimentados por novas informações ao longo do tempo. A lógica desses discursos não está tanto na novidade ou no ineditismo de seus assuntos, mas sim em reforçar assuntos antes anunciados e trabalhados, criando assim verdades sobre o outro.

O perigo do comunismo internacional, ou do Movimento Comunista Internacional (MCI) esteve presente em diversos documentos e publicações dos órgãos de informações da ditadura militar, demonstrando assim que os olhos dos agentes não se concentravam apenas nas ações de guerrilha urbana e rural ou nas organizações clandestinas brasileiras, mas também em acompanhar o andamento do comunismo em escala internacional, como é o caso de *Comunismo Internacional*. A preocupação não era apenas interna, mas também residia na lógica de identificar o inimigo externo, por vezes muito mais perigoso.

Comunismo Internacional

Durante aproximadamente três anos, a partir de 1970, a Agência Central do Serviço Nacional de Informações, publicou através de *Comunismo Internacional* os passos do comunismo não somente no Brasil, mas em todo o mundo. Persistia uma preocupação crescente com este movimento desde a África e Ásia, até seu alcance na América Latina, bem como a atuação de supostos comunistas no exterior e discursos contra o Brasil na imprensa estrangeira. Almejavam mostrar a violência comunista e seus aspectos mais perversos. A publicação iniciava sempre com frases de comunistas conhecidos, como Fidel Castro, Che Guevara, Lenin entre outros. Essa seção tinha por nome “Conheça o inimigo: o que ele faz, o que ele diz.” Na sequência, o “Calendário dos principais eventos comunistas” trazia datas importantes para o comunismo no mundo todo no mês de referência, como, por exemplo, o dia 5 de março, data da morte de Stalin, ou 4 de novembro, dia da morte de Carlos Marighela. Ao final, existia uma observação para a importância de algumas datas daquele mês e que os serviços de informações deveriam ficar atentos para a possibilidade de ações dos comunistas. A publicação estava assim dividida mensalmente: 1. Assuntos Gerais; 2. Potências Comunistas, a) Rússia, b) China, c) URSS x China; 3) Europa Ocidental; 4) Europa Oriental;

5) África; 6) Oriente Médio; 7) Ásia; 8) América do Norte; 9) América Central e Caraíbas; 10) América Latina, nesta seção existe uma ampla divisão com notícias sobre movimento religioso, movimento estudantil, subversão e terrorismo); 11) América do Sul, nesta seção é abordado a campanha contra o Brasil no exterior e os pronunciamentos de exilados políticos, demonstrando que existia um acompanhamento de brasileiros no exterior; 12) As organizações de frentes comunistas. A seção “Assuntos gerais”, que aparecia logo após o calendário das atividades comunistas e das frases de efeito de comunistas conhecidos, analisava aspectos mais amplos do comunismo, como hábitos e costumes, bem como as táticas utilizadas pelos “vermelhos” para atacar o mundo ocidental. É recorrente em *Comunismo Internacional* uma preocupação com os hábitos dos comunistas e as ideias que esses tentavam, segundo o SNI de diversas formas, introduzir na sociedade ocidental, o que no entender da comunidade de informações, era uma estratégia para enfraquecer e desarmar o ocidente, tornando mais fácil sua conquista. Ao trazer os costumes, muitas vezes entendidos como promíscuos, *Comunismo Internacional* almejava desmoralizar o inimigo, demonstrando não somente seu caráter mais violento, mas também seu lado mais pervertido e degenerado. A preocupação com a violência era uma recorrência nessa publicação, trazendo sempre à tona o lado mais cruel dos comunistas. Por outro lado, eles são mostrados como espertos e inteligentes, possuindo muitas táticas psicológicas para seduzir principalmente a juventude.

Comunismo Internacional retirava alguns de seus textos de jornais e revistas, alguns estrangeiros traduzidos na íntegra para a publicação. Em certa maneira, o produtor da publicação busca referendar sua ideia citando aqueles que possuem um discurso semelhante. O recorte jornalístico buscava demonstrar a pertinência do assunto analisado e de como este estava na ordem do dia. A um primeiro olhar pode nos parecer uma simples reprodução de um discurso paranoico para aquele que faz a seleção dos textos a serem inseridos na publicação. Porém, esse ato era permeado de uma lógica muito maior, pois almejava referendar suas ideias através de longas citações, além de fazer crer nos seus leitores que o perigo era eminente. Por outro lado, e talvez aqui esteja o fato mais importante, em diversos momentos o autor se deixa mostrar, colocando suas opiniões na forma de comentários e reafirmando a importância da atenção para com a notícia analisada. Em algumas edições de *Comunismo Internacional* existem textos do próprio agente, autor da publicação, nas quais são feitas análises de fatos acontecidos nos meses anteriores ou de aspectos gerais do comunismo e do

“esquerdismo”. Os temas abordados na seção Assuntos Gerais são diversos e não seguem uma sequência lógica, diferente das outras seções que se atém sempre aos mesmos temas e na mesma ordem. O critério era apenas o de informar sobre os aspectos gerais do comunismo e os meios que este utilizava.

Em tempos de violência e de início da guerrilha rural e urbana perpetrada por grupos de esquerda, em oposição ao discurso pacifista do Partido Comunista Brasileiro, os agentes do Serviço Nacional de Informações acreditavam que a campanha pela paz defendida por alguns partidos comunistas espalhados pelo mundo era na verdade uma forma de destruir o Ocidente, tornando-o mais fraco e vulnerável. Para esses agentes,

Jornais e revistas deveriam se opor a toda e qualquer campanha desenvolvida pelos comunistas, diretamente ou através de suas 'frentes', como inocentes úteis, 'infiltrados' ou mesmo atraídos pelo dinheiro que lhes é oferecido, atuam eficientemente (para os comunistas) na Campanha Anti-Guerra, nova denominação da surrada “Campanha pró Paz” desencadeada pela URSS, logo após a 2ª Grande Guerra.

(...) A imprensa publica artigos dessa espécie e se omite completamente de dizer que é imperioso para o Mundo Ocidental que seja executada e desenvolvida a política de contenção 'do monstro comunista, impedindo sua escalada'.

Não dizem e repetem o que, desde há muito tempo é sabido, que os comunistas com suas 'Campanhas pró Paz' e 'Campanha Anti-Guerra', desejam desarmar material e espiritualmente o Mundo Ocidental para facilmente dominá-lo.

São omitidas e esquecidas frases como as que se seguem:

'Nós não venceremos o Ocidente por meio da bomba atômica. Venceremos com algo que o Ocidente não compreende: as nossas cabeças, as nossas ideias, nossa doutrina'. (VISHINSKI-1954)

'Segundo a tática do CAVALO DE TRÓIA, a GUERRA POLÍTICA infiltra auxiliares de todas as condições – desde agente assalariado ao amigo honesto, mas iludido em tudo que tenha força sobre a opinião pública: na imprensa, nas editoras, nas estações de rádio e televisão, nos teatros e cinemas, nas escolas e universidades, corrompendo a todos, desde o camponês até o caredeal.

Os EUA por pressões internas, fruto de 'infiltrações' está sendo forçado a abandonar sua 'política de contenção' da escalada comunista. Foram envolvidos pelas campanhas 'Pró-paz' ou 'Anti-guerra' e de 'crimes cometidos por suas tropas no Vietnam'. (Comunismo Internacional. Junho de 1970: 1.2)

Essas informações encontram eco nas palavras de um dos idealizadores da Doutrina de Segurança Nacional no Brasil, Golbery do Couto e Silva, quando esse afirma que

Francamente, não entendemos como – a menos que busque, por um mecanismo subconsciente de compensação, enganar-se a si mesmo e à angústia da instabilidade a que deseja fugir – possa alguém acreditar hoje nos velhos sonhos de uma paz mundial estável, fundada – e ainda mais para os nossos dias ou os dias de nossos filhos – na justiça internacional, na intangível liberdade das nações, reconhecida e

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

respeitada por todos, e nesse princípio tão lógico, tão moral, mas não menos irreal, da autodeterminação e absoluta soberania dos povos, o qual, nem por não se poder nele confiar, de forma alguma, importa que se deixe de usá-lo e defendê-lo a todo custo como argumento único, que é, dos fracos contra os fortes.(SILVA, 1981: 21)

Como se sabe, após o golpe de 1964, o PCB foi duramente criticado pelo seu imobilismo, não sabendo também lidar com a própria derrota sofrida. Por todos os lados, uma série de cisões abalaram a estrutura do partido, que anteriormente aglutinava a maior parte da esquerda brasileira. Um dos principais nomes dessas cisões foi Carlos Marighella, que criou a Aliança Nacional Libertadora (ALN) e Mario Alves, que fundou o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). Dessa forma, até 1968 o PCB perdeu praticamente metade de seus integrantes, os quais optaram por partidos que defendiam a luta armada. Nesse contexto surgiram ainda outros movimentos, como o Partido Comunista Revolucionário (PCR), a Ala Vermelha do Pcdob (ALA), o Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT), além das cisões na Ação Popular, de base católica, que optou pelo maoísmo gerando assim o descontentamento de suas bases que optavam por uma linha leninista e guevarista. (RIDENTI, 1993: 25-72) Nessa colcha de retalhos que se transformou a esquerda brasileira, a paixão pela revolução encantaria muitos jovens que lutavam por uma grande e profunda transformação da sociedade. Por outro lado, e nas posteriores lutas da memória, esses seriam apresentados como parte de uma resistência democrática, a qual, de certa maneira, buscou em tom conciliador apagar o tom revolucionário de suas ações, as quais não nutriam grande sentimento pelos valores democráticos. Se suas ações eram de combate à ditadura, elas visavam também a tomada do poder pelos trabalhadores, tendo o movimento estudantil como vanguarda revolucionária. (REIS FILHO, 2005:70)

No entender dos militares, porém, esse esquerdismo era algo deplorável e atrapalharia em demasia nossa sociedade. Visão essa compartilhada por Plínio Corrêa de Oliveira, expoente do catolicismo conservador e um dos fundadores da Tradição, Família e Propriedade e que também foi utilizado para referendar as teorias da comunidade de informações. Na edição de junho de 1970, Corrêa de Oliveira foi citado no subitem “Esquerdismo” afirmando que “os prosélitos mais radicais e dinâmicos da subversão social encontram-se em certas sacristias, universidades, redações de jornais e boites de granfinos” (Comunismo Internacional. Junho 1970: 1.4). O texto discorre a respeito da suposta rejeição que o comunismo estava sofrendo no meio sindical, lembrando que em muitas manifestações

estavam presentes apenas “estudantes vagabundos”, contando com poucos operários e que a massa não seria esquerdista, mas antes elementos deteriorados das elites. Corrêa de Oliveira citou o Pe. Comblim, o qual anos mais tarde publicaria um livro sobre a Ideologia de Segurança Nacional, afirmando que esse age com o beneplácito de autoridades eclesiásticas e que um abaixo assinado possuía 2 milhões de assinaturas, contra a infiltração comunista na igreja. Após o texto, *Comunismo Internacional* afirma que:

Essas observações deveriam ser lidas por todos os brasileiros, especialmente pelos pais dos nossos estudantes, a fim de não permitirem que seus filhos estudantes se deixem levar por seus conselheiros e pseudo-orientadores da juventude, participando de manifestações de cunho nitidamente comunista. (*Comunismo Internacional*. Junho 1970: 1.4)

A lógica da violência comunista teria sempre um objetivo específico: implantar uma ditadura que suprimiria as liberdades e a democracia. Aplicar essa mesma violência no mundo ocidental seria, dessa forma, o plano comunista. Esse mesmo comunismo, bem como os partidos surgidos e existentes estão inseridos em um grande campo de mudanças culturais que varreram o mundo ocidental nos anos sessenta, com a disseminação e a valorização de drogas, como o ácido lisérgico (LSD) descoberto em 1938, movimentos de contra-cultura, movimento Hippie e a valorização sexual. De outro lado, uma série de setores conservadores, preocupados com uma mudança da sociedade, que lhe escapava as mãos. O comunismo já não era mais visto da mesma forma e a subversão dos costumes era também associada a uma tentativa dos “vermelhos” de destruírem a civilização e os valores ocidentais. Uma das principais preocupações de *Comunismo Internacional*, sendo o primeiro item a ser trabalhado, eram exatamente os “Assuntos Gerais”, os quais faziam uma análise do comunismo e de suas características. A ditadura civil-militar brasileira dedicou grande atenção às ações dos comunistas não somente no plano armado e revolucionário, mas também com suas ações no plano cultural e também naquilo que os setores mais conservadores denominavam uma subversão dos costumes.

Os costumes e a subversão

A grande preocupação dos militares com os hábitos e costumes dos comunistas

residia na capacidade de sedução que isso exercia principalmente sobre a juventude. Na ótica dos setores conservadores, esses hábitos destruiriam os valores ocidentais e, de certa forma, seriam também uma grande estratégia comunista para destruir não apenas os valores, mas o próprio Ocidente. Não se pode esquecer que “ser comunista” despertava grande fascínio em determinados setores da sociedade. Não era apenas uma maneira de mudar o mundo, mas também uma forma de se posicionar frente aos problemas da sociedade, uma forma de agir, associados aos hábitos esquerdistas. A coragem desses homens e mulheres causava em uma parcela da juventude, um sentimento de pertença, de compartilhar anseios, enxergando neles a figura do herói, aquele que poderia mudar o mundo. Em diversos grupos dessa esquerda, existia a ideia de que “quem não tem Cadillac pega mulher com o *Manifesto Comunista*.” (RIDENTI, 2000: 48). Para Marcelo Ridenti,

(...) a liberação sexual, o desejo de renovação, a fusão entre vida pública e privada, a ânsia de viver o momento, a fruição da vida boêmia, a aposta na ação em detrimento da teoria, os padrões irregulares de trabalho e a relativa pobreza, típicos da juventude de esquerda na época, são características que também remetem à tradição romântica. (RIDENTI, 2000: 48)

Nomes como Che Guevara, Lenin, Fidel Castro, Carlos Marighella e Lamarca, povoavam a mente da esquerda brasileira, em especial daqueles que aderiram à luta armada e mostravam, de forma concreta, nos anos finais da década de sessenta e início de setenta, que seria possível mudar o mundo. Não se pode esquecer que a Revolução Cubana era ainda um fato recente nesse contexto e que seus desdobramentos eram pouco conhecidos. Como exemplo desse fascínio pelos heróis da esquerda, tivemos no Brasil o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), desdobramento da Dissidência da Guanabara, que teve esse nome em referência a data da morte de Che Guevara, ocorrida em 8 de outubro de 1967.

Para *Comunismo Internacional*, a luta e a morte desses guerrilheiros não possuía nada de heroico, devendo, portanto, ser amplamente refutada. Era imprescindível não cometer um “erro de apreciação, muito fácil de acontecer, sob a verdadeira motivação dos crimes e dos criminosos.” (Comunismo Internacional. Junho 1970: 1.2). As mortes de Guevara e Marighella foram um duro golpe para as esquerdas no Brasil, porém, acabaram por mitificar esses nomes, tornando-os símbolos em defesa da liberdade e, em certa medida, impulso para novas ações contra o imperialismo e a ditadura civil-militar, vistos como responsáveis pelo

mal em nossa sociedade. Em *Comunismo Internacional*, em texto do próprio agente, encontra-se uma crítica aos elogios à morte por pretensos ideais de liberdade.

Quando morreram ‘CHE GUEVARA e depois CARLOS MARIGHELLA – caídos na luta por eles mesmos ateados e de que eram, assim, os verdadeiros responsáveis, verificaram-se em vários meios, entre pessoas até lúcidas e honestas, e até mesmo em jornais respeitáveis, certas manifestações de respeito e simpatia para com os mortos, que, dizia-se, ‘tomaram pelos seus ideais.’ É preciso, porém, bem julgar e opinar, prestar bem atenção às coisas. Tomaram, sim, pelos seus ideais – o que, de certa forma seria nobre e honroso – mas, quais são esses ideais? (*Comunismo Internacional*. Junho 1970: 1.2)

O objetivo do autor consiste em demonstrar que não basta morrer por um ideal, mas que para merecer crédito e louvor, esses ideais precisam ser igualmente honráveis. Existiram ideais nobres, como a defesa da pátria, de sua independência e liberdade, bem como a defesa de valores religiosos, como muitos mártires haviam feito. Torna-se interessante pensar pela perspectiva dos militares, pois esses não viam as lutas das esquerdas como sinônimo de liberdade. Pelo contrário, para eles seria a entrega de nossa soberania aos soviéticos ou chineses. Da mesma forma, existiriam ideais tenebrosos, que se originariam na maldade, nutrindo-se também do crime. Assim como para o assaltante, o ideal é roubar impunemente, para a envenenadora o ideal é a morte da vítima e para Hitler o ideal seria a supremacia da raça ariana e o domínio da Alemanha Nazista. Segundo a publicação, Hitler lutou e morreu por esse ideal. Seria ele digno de louvor e respeito? Assim como ele, Mao Tse-Tung, outro “monstro da história”, também lutou e defendeu seus ideais. Segundo a publicação, para Mao não seria um problema uma guerra nuclear, em que perecessem dois terços da humanidade, pois a China com 600 milhões de habitantes na época, ficaria com 200 milhões e conquistaria o restante do mundo. Dessa forma, se Mao Tse-Tung morrer por esse ideal, merecia ele simpatia do mundo ocidental? Para *Comunismo Internacional*, era preciso ver

(...) nesses pretensos heróis do extremismo, qual é o seu ideal, a sua motivação. Eles, pessoalmente, se consideram heróis – e até, absurdamente, ‘patriotas’, quando, na realidade, desejam tirar o Brasil do domínio do ‘imperialismo norte-americano’, para entregá-lo ao imperialismo soviético (ou chinês), sujeitando-o à triste condição da Checoslováquia (sic) e da Hungria, ocupadas pelos tanques russos. E, descaradamente, ousam por, na nota do seqüestro do Embaixador alemão, as palavras do hino: ‘Ou ficar à Pátria livre ou morrer pelo Brasil’, quando realmente querem morrer pela Rússia, por Cuba ou pela China, onde já vige o regime que anelam.

Julgam-se, também, heróis, revolucionários, abnegados que a tudo renunciaram pelo

bem do povo, sobretudo das classes trabalhadoras. Fazem-se apóstolos e mártires da causa de uma palingenesia social – que realmente é a aspiração e a meta de todos os homens livres e dignos, uma reforma profunda em que sejam abolidas e a injustiça social, as monstruosas desigualdades, a exploração desenfreada e cruel do trabalho em benefício de uns poucos privilegiados.(Comunismo Internacional. Junho 1970: 1.3.)

Era preciso fazer crer que o governo militar de fato era o que lutava pela garantia das liberdades, lutava pela manutenção da democracia e que a esquerda seria, na verdade, o império do mal a caminhar sobre a Terra. Para os agentes, eram eles mesmos, os militares, os defensores dos ideais mais nobres de liberdade e democracia. Uma mensagem semelhante a esse ideal aparecia carimbada em vários documentos oficiais, afirmando que “a revolução de 64 é irreversível e consolidará a democracia no Brasil.”

Os agentes produtores da publicação, compartilhavam a ideia de que o Brasil vivia em uma plena democracia, assim como outros países da América Latina, como o Uruguai que ainda não encontrava-se em um regime ditatorial.⁴ Para eles, uma democracia tornava mais difícil o combate aos insurgentes, devido a existência de garantias políticas e plenas liberdades. Porém, essas democracias se defendiam mal dos inimigos justamente por serem amantes da liberdade, diferentemente dos países totalitários, que não permitiam questionadores e revoltosos.

Em “As democracias se defendem mal” é perceptível essa visão de que os regimes democráticos acabam tornando-se presas mais fáceis ao “monstro do esquerdismo”, justamente por garantir liberdades em demasia aos seus cidadãos. Segundo *Comunismo Internacional* de agosto de 1970,

Num país totalitário, como a União Soviética, seria impossível que surgisse contra o poder do Estado, uma força conspiratória do tipo Tupamaros, a criar casos de impossível solução para o KREMLIN. As ditaduras, desse tipo, possuem uma previsão sobre o que fazem as pessoas que se reúnem clandestinamente. Houve tentativas de subversão durante o Hitlerismo, mas nenhuma foi adiante; no fascismo mussoliano, igualmente. O policiamento estatal cuidava e cuida da segurança do Estado. (Comunismo Internacional. Agosto 1970: 1.22.)

Para determinados setores do governo, bem como para setores da sociedade civil

⁴ O golpe de Estado seria dado em junho de 1973 pelo então presidente Juan Maria Bordaberry com apoio das Forças Armadas, em meio a um clima de tensão social entre o Movimento de Libertação Nacional – Tupamaros e setores conservadores da direita. A ditadura uruguaia durou até fevereiro de 1985.

brasileira, de fato, o Brasil não vivia em uma ditadura, mas pelo contrário, em um regime de democracia comandado pelos militares, os quais teriam, segundo essa lógica, plenos poderes para defendê-la de todos os males, evitando assim, problemas como os ocorridos no Uruguai. A forma como os militares vinham agindo justificava-se em comparação às nações vizinhas, que enfrentavam problemas com grupos insurgentes. O amor à liberdade dos cidadãos poderia acabar mal, como demonstra o caso uruguaio, quando os subversivos partem para a “ação criminosa”, colocando em perigo a segurança do Estado.

Os militares acreditavam estarem lutando em defesa da democracia, bem como pelos bons costumes e por uma sociedade melhor. Nessa perspectiva, as drogas eram vistas como algo que atrapalharia o pleno desenvolvimento da nação. Não podemos esquecer que ao abordarmos o período ditatorial, estamos falando não somente em uma doutrina de segurança nacional, mas também em uma doutrina de desenvolvimento, o qual não ocorreria apenas no plano material e econômico, mas também no desenvolvimento de uma nação sadia, forte. Dessa forma, os tóxicos e similares eram muito mal vistos pelo governo militar, sendo associados a uma tentativa dos comunistas de destruírem o Ocidente. Em dois textos de Setembro de 1970, esse combate a toxicomania e a subversão dos costumes ficou mais evidente.

Em uma tradução completa de “Yippie”, publicado originalmente em “L'homme et la société”, de Jerry Rubin, afirmava-se que este era o novo partido internacional da juventude. Segundo *Comunismo Internacional*, Rubin afirma que

Yippie. Esse é o termo de uma não organização, de um partido não-político, o 'Youth International Party'. O partido da juventude internacional. O grito de guerra desse partido: Yippie: Nascia um homem novo que fumava em segredo e atacava o pentágono, mas que não tinha com que se identificasse. (...) O mito é real se ele possui um cenário onde as pessoas representam seus sonhos e sua imaginação. O mito faz a revolução. Marx é um mito, Mao é um mito, Dylan é um mito, os Panteras Negras são um mito. O mito é sempre maior que o homem. As pessoas tentam criar o mito, o que lhes permite dar o melhor deles mesmos. O segredo do mito do yippie é que ele vive reprimido. É uma folha branca. A esquerda nos atacou, no início, vendo em nós apolíticos, irracionais, loucos drogados que canalizavam a revolta política dos jovens através das drogas, da música 'rock' e dos 'be-ins'. Os hippies nos viam como marxistas, sob uma vestimenta psicodélica e entregues aos entorpecentes, à música 'rock' e aos 'be-ins' para politizar a juventude. Somente a direita nos tomava por aquilo que somos. (...) Os yippies pensam que não se pode ter uma revolução social sem uma revolução das mentalidades, nem uma revolução da mentalidade sem uma revolução social. (*Comunismo Internacional*. Setembro 1970: 1.2.)

Jerry Rubin esteve envolvido em incidentes na cidade de Chicago, nos Estados Unidos no ano de 1968 e foi um dos fundadores do movimento Yippie, o Partido Internacional da Juventude, articulando diversas manifestações contra o sistema e a ordem estabelecida. Causaram também uma grande confusão no sistema financeiro, quando jogaram notas de dinheiro de um mezanino nos operadores do mercado, os quais deixaram o trabalho em busca das notas. Mencionar a reprodução de um manifesto na publicação *Comunismo Internacional* reflete uma grande preocupação dos militares com esse tipo de comportamento social, o qual pregava uma liberdade sexual, bem como “assistir televisão em cores duas horas por dia, sobretudo as novelas. Nós vamos derrubar o governo e vingar o Che.” (*Comunismo Internacional*. Setembro 1970: 1.2.)

O manifesto mostrava o quanto, na visão de seu autor, o movimento de libertação vinha crescendo na América e no mundo e que muito em breve a juventude iria conquistar o poder. Além de tudo, para eles “a mari (marijuana) é obrigatória em nossas reuniões. Nós tomamos entorpecentes no almoço para nos tornarmos mais conscientes da realidade. Existe um Yippie em cada um de nós. Nossa palavra de ordem: frustrados de todos os países, abandonem-se!” (*Comunismo Internacional*. Setembro 1970: 1.2.)

Para Rubin e seu movimento, a revolução estava caminhando em um processo sem volta, o qual explodiria muito em breve, levando consigo toda a moral da sociedade ocidental e seus valores. A classe média e a igreja estariam a beira de um colapso, não sendo mais centros de atenção para crianças e jovens, que preferiam a rebelião das ruas. Era uma subversão e uma guerrilha a caminho na América. Era preciso assim,

(...) uma nova geração de importunos, uma nova geração de loucos, de irracionais, de sensuais, de furiosos, de ateus, de frívolos, de maníacos. Tipos que queimem seus certificados de alistamento, diplomas, e que digam: para o diabo com seus propósitos! Que caminhem com os jovens e suas músicas, suas ideias, seu LSD; que arvoreem orgulhosamente as bandeiras do Vietcong, que redefinem a realidade, que tragam os costumes pândegos e esdrúxulos, que concorram com a televisão, que não tenham nada a perder, exceto seus corpos. A política é uma maneira de viver, não de votar. O mais importante conflito político dos Estados Unidos é o conflito de gerações.

Mr. Amerika, a guerra está em sua cara. (*Comunismo Internacional*. Setembro 1970: 1.2.)

Esse texto é também interessante pois demonstra que apesar da censura a diversos

textos e assuntos vistos como imorais em jornais, livros e televisão, notícias desse caráter circulavam dentro da comunidade de informações. Dessa forma, tinham acesso a uma infinidade de textos e assuntos, os quais ganhavam destaque para demonstrar a necessidade de um combate cada vez mais forte contra esses costumes. Dentro dessa lógica, era imprescindível conhecer para combater. Talvez mais revelador do que o próprio conteúdo do texto, seja o comentário de seu produtor, em uma prática um tanto quanto pedagógica de explicar, mas também repudiar a ideia exposta:

O artigo demonstra a existência de uma juventude completamente entregue ao desvario, produzido por frustrações várias, e agravadas pelo uso constante de entorpecentes.

Será que os jovens yippies, pregam algo, ainda mais inconcebível que a filosofia de Marcuse?

Será que os jovens yippies conseguiram, o que parecia impossível, ou seja, desenvolver a filosofia de marcusiana a níveis que não permitam sequer, o mais elementar raciocínio com a palavra sociedade?

Se a filosofia marcusiana rebaixava totalmente a criação espiritual, colocando-se por baixo dos níveis da pura animalidade (ver CI-SI Jul 70, fl. 1.7., item b.) será que a filosofia yippie consegue fazer um rebaixamento ainda maior do homem, fazendo com que não se consiga sequer estabelecer um nível de referência? (Comunismo Internacional. Setembro 1970: 1.3)

No texto seguinte, intitulado “Comunismo e toxicomania” é feita uma relação da produção e do incentivo de entorpecentes, como um plano comunista para destruir o mundo ocidental. O autor tece comentário a essa mudança cultural, que culminou em uma explosão do consumo de drogas no ocidente afirmando que isso nada mais era do que uma tática dos comunistas. Segundo o agente,

Uma das armas mais sutis e sinistras do comunismo consiste em sua persistente atividade de corromper os costumes para debilitar o mundo democrático.

A maior parte da produção de ópio e seus derivados é originária da China, e através de inúmeros canais clandestinos esparrama-se pelo mundo, produzindo lucros fabulosos e causando a desagregação das sociedades não comunistas.

Um mundo dissoluto, entregue a drogas estupefacientes e alucinantes, não possui energia e integridade moral, indispensáveis para enfrentar a ameaça comunista. (Comunismo Internacional. Setembro 1970: 1.4.)

Em meio as grandes transformações culturais da década de sessenta, que sacudiram as estruturas do mundo ocidental, nota-se uma enorme preocupação com a difusão de entorpecentes na sociedade. Em certa medida, essa difusão e aumento do consumo de drogas

estavam ligados mais diretamente a uma resposta da contracultura aos padrões morais e costumes burgueses, do que um grande plano comunista. Porém, o agente produtor, bem como boa parte do meio conservador, acreditavam piamente que a produção de drogas fazia parte de um plano comunista, apoiado pelas grandes potências “vermelhas”. Para referendar ainda mais sua explanação sobre o assunto, o agente faz referência a uma suposta resolução “secreta” e seu item “f” da 1ª Conferência Tricontinental realizada em Havana no ano de 1966. Essa suposta resolução teria sido publicada no jornal “El País” de Montevidéu, no ano de 1966, e afirma que

Apoiar resolutamente a campanha a favor das drogas, baseando-a no princípio do respeito aos direitos individuais. Manter completamente separados os quadros do partido dos canais de tráfico de narcóticos, de maneira que essa fonte de receita não possa ser vinculada a ação revolucionária; entretanto, devemos combinar a insuflação do medo à guerra atômica, com o pacifismo e com a desmoralização da juventude através do estímulo ao uso dos alucinógenos. (Comunismo Internacional. Setembro 1970: 1.4.)

Essa ideias não eram exclusivas apenas de *Comunismo Internacional*, mas antes revelavam parte do pensamento conservador da época. Essa juventude “entregue a drogas estupefacientes e alucinantes” ia contra os planos de uma nação forte e sadia, planejada pelos militares, além de questionar os costumes dos setores mais tradicionais da sociedade, assustados com as enormes mudanças ocorridas na década de sessenta. Para o governo militar e dentro da ótica da Doutrina de Segurança Nacional, tudo isso poderia ser visto como a mesma coisa e partindo da mesma fonte. Por ser visto como uma subversão dos costumes e da ordem, era encarado como algo negativo, como uma doutrina estranha aos padrões nacionais, devendo ser combatido com a mesma intensidade. Por outro lado, quando se pensa no ideal militar de busca por uma nação forte e saudável, colocando os mesmos conceitos para seu povo, também divulgados através de campanhas publicitárias da Agência Especial de Relações Públicas (AERP), a campanha pelo combate às drogas ganha mais destaque. Une-se aqui um conceito de saúde pública e o combate a uma nação enfraquecida, com um conceito político, o qual visava associar o consumo de drogas a uma prática comunista para justamente enfraquecer uma nação. Apresentar a subversão dos costumes como uma tática comunista servia duplamente aos interesses dos sistemas de informações e repressivo. Primeiro por reforçar o caráter maléfico e negativo dos comunistas, que patrocinavam além de ações

armadas, ações que levavam a juventude para degradação, desvirtuando-a dos bons costumes. Segundo, por mostrar aos leitores da publicação *Comunismo Internacional* a necessidade de um combate tanto aos comunistas quanto ao uso de drogas, que segundo essa lógica, teriam a mesma origem. O autor busca exatamente relacionar determinados textos que noticiam a produção e o incentivo ao consumo de drogas como uma tática comunista de ataque aos países ocidentais, buscando-os enfraquecer moral, psicológica e fisicamente.

A década de sessenta experimentou também uma liberação dos costumes e também uma libertação das mulheres tanto na vestimenta quanto no uso de anticoncepcionais. Em uma parcela da classe média, surge nesse período o debate em torno do planejamento familiar e do aborto. Esse debate gerou enorme polêmica, pois o controle populacional ia contra as normas religiosas e esse discurso foi utilizado de diferentes formas, tanto à direita, quanto à esquerda. Um recorte da revista peruana “Caretas” de outubro de 1970, publicada em *Comunismo Internacional*, afirma, sobre as diferentes práticas de controle populacional, que

Os 'progressistas', 'revolucionários' e 'esquerdistas' de diversos matizes que crêem que o crescimento desregrado da população cria uma pressão que promove as mudanças. A estes se soma a duplicidade dos 'fidelistas'. Eles legalizaram o aborto e distribuem anticoncepcionais como confete, em Cuba; porém, dizem que no resto da América Latina é um 'complô imperialista'. A miséria extrema, no entanto, não é necessariamente o melhor combustível da revolução. Os núcleos mais pobres das cidades latino-americanas votam, amiúde, pela direita. (...) Além de que, resulta bastante imoral propugnar o obscurantismo e negar, à família proletária, um fator de ajuda, sob a ideia de que o desespero a induzirá eventualmente um ato de rebeldia. (Comunismo Internacional. Novembro 1970: 1.3)

O controle de natalidade é mostrado de forma ambígua, pois afirma que os comunistas em Cuba incentivavam o aborto e o uso de anticoncepcionais, mas defendiam uma “explosão populacional”, a qual levaria a um aumento das contradições, tornando mais fácil os processos revolucionários. Após expor outros textos sobre essas medidas no Chile, mostrando essas ações no país de Allende e também das Nações Unidas, afirma que os comunistas esperam essa explosão demográfica como fator de contradição. Para os comunistas “as classes dominantes não podem resolver a contradição entre o rápido aumento da população e a carência, sempre maior de emprego, de meios de educação e de assistência. A revolução é fruto do agravamento das contradições.” (Comunismo Internacional. Novembro 1970: 1.6).

Comunismo Internacional não foi a única publicação de caráter anticomunista do período ditatorial, nem tampouco a única documentação da comunidade de informações que analisou e mapeou a ação de comunistas em escala mundial. Porém, ela destaca-se por sua continuidade em mais de três anos e pela circulação que teve não somente no meio militar, mas também em ministérios civis e também para autoridades eclesiásticas. Configura-se, portanto, uma intencionalidade do Serviço Nacional de Informações de difundir a ideia de que o comunismo era algo extremamente perverso e ruim, associado, pela ótica do SNI, a comportamentos promíscuos e imorais, além de causar diversos danos à civilização ocidental. Essa maneira de olhar o inimigo ou “o outro”, como alguém desprovido de características positivas e, ao mesmo tempo, portador do mal, pode estar associada à repressão e à violência praticada contra todos aqueles que, de certa forma, ousaram se levantar contra o regime. *Comunismo Internacional*, pode então, ser entendida como mais uma peça do sistema autoritário e repressivo constituído em nossa sociedade durante a ditadura civil-militar.

Referências

ANTUNES, Priscila. Ditaduras militares: institucionalização dos serviços de informações na Argentina, no Brasil e no Chile. In FICO, Carlos, FERREIRA; Marieta de Moraes; ARAÚJO, Maria Paula; QUADRAT, Samantha Viz (Org.). **Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

COMUNISMO INTERNACIONAL. Junho 1970. Arquivo Público do Paraná.

COMUNISMO INTERNACIONAL. Agosto 1970. Arquivo Público do Paraná.

COMUNISMO INTERNACIONAL. Setembro 1970. Arquivo Público do Paraná.

COMUNISMO INTERNACIONAL. Novembro 1970. Arquivo Público do Paraná.

HUGGINS, Martha. **Operários da violência: policiais torturadores e assassinos reconstróem as atrocidades brasileiras**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

Inventário da Coleção Informante do Regime Militar. Rio de Janeiro: O Arquivo, 2008.

MAGALHÃES, Marion Dias Brepohl. A lógica da suspeição: sobre aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil. In **Revista Brasileira de História**. Vol 17. n. 34. São Paulo, 1997.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro:** artistas da revolução, do CPC à era da TV. Rio de Janeiro: Record, 2000

SILVA, Golbery do Couto e. **Geopolítica do Brasil.** 4. ed. José Olympio Editora: Rio de Janeiro, 1981.